De todos segundo as suas forças.

IL DIRITTO

A cada um segundo as suas necessidades.

PERIODICO COMUNISTA ANARCHICO

Sahe quando pode e se publica por Subscrcripção voluntaria.

EGIZIO CINI, Gerente Responsavel — Endereço — IL DIRITTO, Rua Silva Jardim n. 60.

PARANÁ Coritiba, 3 de Junho de 1900 BRASILE

Em cada Patria, em cada Cidade ha duas nações inimigas entre ellas: a dos ricos e a dos pobres.

Platão.

Ao Diario da Tarde

—=—

Fazem alguns dias que lemos no "Diario da Tarde" algumas censuras um tanto levianas que o dito jornal fazia sobre o modo de vestir dos conductores e cocheiros dos Bonds.

Mas, porque o Sr. Redactor não dirigiu-se a um desses conductores de bond para saber qual era o seu trabalho e qual o seu ordenado diario?...

E, o que nos dirá o Sr. Redactor do "Diario" quando souber que os ditos conductores são obrigados a trabalhar nada menos que 18 horas por dia (dizemos dezoito), e só com 15 minutos de tempo para as suas refeições?...

O que nos dirá quando souber que estes conductores não podendo por falta de tempo ir ás suas casas, são obrigados a esfoimar-se no botequim annexo a Estação dos bonds, e (ça va san dire), de propriedade da ditta concessionaria?...

O que nos responderá o Sr. Redactor do "Diario", quando souber que pelo improbo trabalho de 18 horas, os conductores recebem a exigua somma de 4$000?, dos quaes deduzidas as multas, (e não são poucas), se vê quanto fica para o pobre trabalhador.

Que diz de tudo isto o Sr. Redactor do "Diario"? Será tão cortez de nos favorecer uma sua resposta?

Nós não fazemos commentarios. Sómente expomos os factos na sua núa e crúa simplicidade. Os operarios dos bonds que pensem e reflictam sobre a sua condição.

Il Diritto.

Golpe de vista retrospectivo

Como nós esperavamos, o 1° de Maio, este anno, ficou sendo um pio desejo na mente dos poucos, nas principaes cidades industriaes, e se foi commemorado, o foi tão legalmente de esmorecer quem tanto confia nas massas operarias.

Porém, nós anarchicos não esmorecemos porque como já disse acima: o esperavamos.

De facto: os nossos amigos "socialistas" aproveitaram da reacção que brutalmente impera contra nós, para fazerem a sua propaganda legal, e dar a entender ao povo sempre crençao, que tudo se pode obter a força de votos, e com esta politica, tentam o modo de não resvelhar do lethargo o proletariado.

Isto na velha Europa. Nas Americas, parece que o 1° de Maio tem tido um pouco de resvelho, porém pouco, muito pouco.

Aqui nesta Capital, os anarchicos, procuraram de propagar o mais possivel o porque da commemoração de tal data e verdadeiramente precisa dizer que a nossa propaganda, se não gosta a todos, de certo encontra a simpathia de muitos, porque temos recebido provas de simpathia de diversas das diversas classes sociaes e alem de adherencias platonicas, temos recebido auxilios materiaes em prol da propaganda.

A imprensa local, toda burgueza, absorta de certo no 4° centenario da descoberta do Brazil, não tem tido uma palavra pela festa operaria, mas em compensação, as expendeu muitas pela propria festa pappatriotica...

Da imprensa local é preciso fazer excepção da "Gazeta do Povo" do 1° de Maio, na qual ha um artigo intitulado 1° de Maio, um tanto roxo e faz entrever o medo damnado que tem o articulista em pensar que o Povo de aqui, possa abrir os olhos.

De facto, elle diz quasi assim: «È verdade, o Povo deve conquistar todos os seus direitos por meio dos votos. Na Republica Brasileira pois, ainda menos que na Europa, não se pode admittir a reivindicação social por meio da revolução violenta porque (diz elle) o capital e o trabalho sempre viveram de bom accordo».

Vamos, Sr. articulista, mesmo se fosse verdade que aqui não ha mortos de fome, não pode negar que como na Europa, tambem aqui cómo em toda parte, existe a questão social; tambem aqui como em toda parte, o capital e o autoritarismo

reinam soberanos e por conseguinte tambem aqui como em toda parte é necessaria a força para rehaver o que nos foi tirado com a força e com o engano.

Portanto, estudando um pouco mais o que é a questão social, pensando que elle em quanto escreve o artigo tem todo o confortavel de um privilegiado, em quanto que centenas de individuos cançados pelo trabalho, faltam do necessario para esfoimar-se, o articolista, si em boa fé, escreverá, sim, mas não para adormecer o Povo, porém para fazer-lhe comprehender todos os seus direitos e todos os meios para conquistal-os, que a mim parece e estou convencido, não sejam aquelles por elle expostos.

BENEFICENCIA

Antonio Morredefome, é um pobre desoccupado. Mora com a familia no fundo de uma casa derocada e vive de caridade.

Un dia chega em casa todo alegre: Vamos meus queridos, desta vez tenho uma boa noticia a vos dar....

— O que é?...

— Achei trabalho!...

— Louvado seja Deus.

— Sim, louvado seja Deus e o Governo que me dá trabalho.

— Então, amanhã?

— Amanhã? oh que pressa; achei trabalho entre dez mezes.

— Ah! (suspiros, bocejos, lamentos).

— Sim entre 10 mezes, quando se fará o novo appalto para o monumento... oh bonito, não me lembro mais qual monumento, mas não importa, é um monumento. Portanto entre 10 mezes.... comeremos nos tambem.

— Mas, em tanto como se vive?

— Em tanto.... é verdade não pensei....

— Não temos mais pão e ninguem faz mais caridade.

— È verdade. Ah! imbecil que sou! alegres! alegres! Ainda não vos tinha dito que estou registrado entre os pobres para a grande festa de beneficencia que terá lugar no Theatro.

— Uma festa pelos pobres!

— Figurae-vos, todos os senhores e senhoras, que pobresinhos, querem bem aos miseros, darão uma grande festa, mas.. uma festa como se deve, com tantas cousas bonitas, figurae-vos, já gastaram diversas centenas de mil reis para os preparativos.

— Oh! si os tivessem dado aos pobres, aquellas centenas para os preparativos!

— Maluca! Comprehenderas que são senhores e se devem divertir, e pois, dizem que os senhores não pensam á nós pobres!

— E quando é esta festa?

— Entre 15 dias...

— Ah! e entretanto!

— Entretanto.. entretanto, é preciso fazer em modo de não morrer a fome neste lapso de tempo.

Sim, faz prompto em dizel-o... mas... não se poderião dar já estes poucos vintens?

— Ja; e a festa?... Quem sabe que bella festa! Tu dizes poucos vintens, mas encaixarão diversos contos de reis.

E na noite da festa, fora do Theatro, está o nosso homem com as crianças, no meio de abbalhante luz, de adornos e de um vai-vem de carros com tanto de cocheiro galonado e duro, com tanto de emblema; vê entrar senhoras abbalhantes de luxo extremo, grandes recipientes cheios de refrescos e pasteis saborosos, cestas e maços de flores com fitas ricamadas e perfumadas; e em quanto se sente dobrar as pernas pela fome, não pode fazer a menos de suspirar.

Oh se me dassem somente uma daquellas fitas ou um d' aquelles maços de flores! E as crianças cheirando no ar o odor quente emittido pelo buffet. Mas n'aquella noite não pode pedir a caridade.

— Diabo! mas não veis que vou pensar pelos pobres?

E quereis amolar-me tambem cá fora?...

— Após tudo, pensa Antonio, após tudo, estes senhores teem razão; ja é bastante quanto fizeram. Ah como são caridosos estos senhores!

Durante a noite se sente de fôra sons, cantos e ruido, ruido crescente até o ultimo. Na hora da sahida, senhores e senhoras, mostram-se cançados, esbodegados, roxos no rosto, com as roupas esparrafadas.

— Oh pobre gente, pensa Antonio Morredefome, olha como são reduzidos para fazer bem aos pobres.

— Vê papae, aquelle senhor que não se rege mais em pé, eil-o, se não o sustenta o criado, cahe...

— È verdade, quem sabe quanto terá feito aquelle pobre diabo, para fazer bem aos pobres!...

O dia depois, Antonio Morre-defome, se apresenta ao Comitato para receber a sua parte de beneficencia.

— O que quereis?...

— Mas... aquillo que me espera.

— Então tendes de esperar muito.

— Porque?....

— Imbecil!... Como se pode dar hoje o dinheiro?.. As senhoras da Commissão, ainda estão todas na cama, a secretaria tomou uma terrivel indigestão de biscoutos e depois devemos fazer as contas.

— Então, quando devemos voltar?

— Entre 20 dias...

— Vinte dias?...

— É exacto e se não quereis voltar, sois dono. Que gente! Depois que se lhe faz a caridade, teem tam-

bem pretenções! Creem que não temos outra cousa a fazer senão de pensar a elles.... quereriam que se fazessem as contas em 2 horas; eis, quatro e quatro, oito; está feita a conta. Oh a ignorancia!

— Isto é verdade, pensa Antonio indo-se, aquella gente tem de fazer as contas e uns vinte dias precisam para bem distribuir.

È o dia da distribuição: muitas senhoras e senhores estão no balcão: ha uma abundancia tal de pobres, que precisa fazer fileira e esperar algumas horas. Antonio Morredefome, que após os 20 dias está reduzido aos minimos termos, se arrasta atravez da confusão e chega finalmente ao balcão. Uma senhora toda adornada de setim e flores, ouro e brilhantes, com um sorriso sobre os labios, que entenderia tornal-o anjelico, pôe nas mãos de Antonio a respeitavel somma de 120 reis...

— Como, 120 reis?

— E tampouco não sois satisfeito apos tudo quanto temos feito?

— E dizer que eu por amor dos pobres, tomei uma colica (murmura um velho senhor), se não estaes satisfeito, aqui tem a conta. Nós fazemos as cousas bem claras.

Antonio aproxima-se ao manifesto e lê:

Aluguel do Theatro . .	90$
Illuminação	54$
Refrescos	320$
Objectos pela Loteria. .	597$
Flores e presentes ás senhoritas que gostosamente se prestaram	481$
Ornamentação . . .	283$
Despezas dos paleis . .	34$
» de chancellaria .	46$
» diversas . . .	71$
Pessoal do Theatro . .	60$
Total	2:039$

Receita geral .	2:393$
Despezas. . .	2:039$
Ficam	354$000

Que divididos em cerca de 3,000 pobres que avançaram pedido, resultam Reis 120 por cada um!....

O Burro.

— 16 —

dominação, porque se acham mantidos no ocio luxuoso e improductivo.

Só os calpestados, os oprimidos, os superstites dos trucidados, amaldiçôam em seu coração, os enfeitados assassinos. Mas, quando um, exasperado pela lucta espantosa pela vida, n'uma sociedade imprevidente, que á bem poucos garante — e por certo não aos mais laboriosos e aos mais merecedores — um commodo logar no banquete da existencia; quando um, vencido nas crueis batalhas de todos os dias pelo pão, se revolta e fere — no delirio de um odio que não perdôa — um potente, que elle crê feliz mesmo se na sua potencia se debate a dôr (este pallido companheiro do homem) então o juizo será, pelo acto d'este, bem diversamente cruel — aquelles, cujo acto prejudica ou ameaça, serão os mais inexoraveis para com elle quanto mais terão mergulhadas as mãos no sangue do seu semelhante.

E não sómente contra elle se gritará o *crucifige;* mas contra todos aquelles que professam as ideias que elle diz de professar — não importando pois si elle os tenha nem tampouco conhecidos, ou se estes hajam ou não approvado a sua acção. Elles serão perseguidos, encarcerados, torturados em massa — cumprindo contra todo o partido, ou melhor contro uma corrente vastissima e irresistivel de principios e de ideias, uma verdadeira e propria vingança traversal, pelo facto de

— 13 —

o productor de toda riqueza e as sortes de cada um resultar estrictamente ligadas ás sortes de todos os outros seus companheiros, não faz que fundir sempre mais as forças e as almas operarias á um fim bem claro e determinado: livrar o trabalho do parassitismo patronal, libertando-o d'esta forma de escravidão economica que toma o nome de salariado.

E pois que a revolução hoje completa, apportada pela mechanica em todas as artes e em todos os officios com o socializar na fadiga os braços operarios, trabalhantes antes isolados, tem já elaborado o esqueleto de um mundo novo, no qual a socialização da fadiga, sem o gozo do producto, por parte de quem se cansou, seja completado pela socialização dos gozos do producto mesmo, declarado de direito e de facto, patrimonio commum á inteira sociedade; uma outra revolução das consciencias e das forças proletarias cumprirá o lento movimento d' esta transformação das relações economicas e moraes entre os homens, integrando a estructura social typica, que represente o oasis do descanço onde a humanidade, após os millenios de trabalho e de dôr, possa tomar folego no fadigante caminho — e onde os dois instinctos fundamentaes do homem — conservação do individuo e conservação da especie — achem afinal o modo de conciliar-se do longo dissidio. Aonde o homem para conquistar o seu

Appello aos operarios

—

Todos aquelles que receberem máos tratos dos assim chamados patrões, são convidados a informar esta administração afim de que pelas columnas deste jornal se possa fazer valer os direitos dos disfructados, contra os disfructadores.

A Redacção.

Galleani livre

—

O charo companheiro Luiz Galleani é livre.

Elle fugiu do presidio de Pantelleria onde os satellites do rei imbecil o tinham relegado ha cerca de 4 annos é aonde devia descontar ainda 25 mezes da mesma pena.

Ao nosso companheiro os nossos parabens pelo tiro jogado a quem o condemnou e ao director do maldito presidio.

Transcrevmos de um jornal burguez o seguinte:

Um caso

Que diariamente se pode dar em nossa sociedade.

Quando chegou ao Rio de Janeiro a esquadra portugueza, com o enviado especial, General Cunha, aconteceu o desastre de perecer afogado no mar um plebeo, empregado d'uma lancha, por nome de Pires.

Sabem quanto o burguez, General Cunha, deu a mãe que perdeu o seu filho, o seu arrimo?

Foi a quantia de 100$000, e depois foi propalado pela cidade do Rio de Janeiro que a pobre mãe que perdeu o seu unico sustentaculo, havia recebido a quantia de cinco contos de reis — quantia esta com que não pode-se pagar a vida de um homem.

Mas o Sr. General Gunha cedeu, que o fallecido fosse enterrado com carro de 1ª classe, portanto fez nos olhos dos graúdos, um beneficio.....

Sem commentarios .....

Por abundancia de materia deixamos com sentimento, de publicar um artigo denunciando o nefando crime perpetrado em Bello Horizonte por um official da brigada policial.

Não publicamos a subscripção porque falta a do 1º de Maio.

— 14 —

bem estar não ha de passar — como os prepotentes de hoje e de hontem — sobre o corpo dos seus semelhantes; pois que esta não sería a liberdade — mas sim o perpetuamento da tyrannia, sob outra forma.

Ás violencias dos governos subentraria a violencia do individuo — expressões brutaes, uma e outra, do homem sobre o homem. A liberdade de cada um não é possivel senão na liberdade de todos— como a saude de cada cellula não pode ser senão na saude do enteiro organismo. — Uma só parte d'elle, doente, e todo o corpo social, resente-se e soffre.

Sómente um selvagem da Papuasia, que lembre diante dos triumphos da sciencia, a animalidade primitiva do homem, pode negar coscientemente esta verdade.

II.

Se tem dito e repetido á saciedade, pelos denigradores, em boa ou em mã fé, das doutrinas anarchicas, que a anarchia não pode ter moral.

E tambem alguns seguazes do nome, não da essencia etico-social que a palavra anarchia contem, rebateram tão estulto prejuizo.

Certo que a moral da liberdade não tem nada de commum com aquella da tyrannia, sob qualquer nome que esta se disfarce.

Por quanto se diga o contrario, a moral official do

— 15 —

individualismo burguez é ainda um pouco aquelle dos Papuis, lembrada pelo Ferrero. — O que é o mal, e o que é o bem?..., perguntava um viajante europeu á um d'estes selvagens. E o selvagem respondeu com convicção: « O bem é quando eu roubo a mulher de outrem — o mal é quando um outro rouba á mulher á mim ».

A mesma cousa não é para a moral hortodoxa e hypocrita, que hoje impera, boa ou má, intrinsecamente e objectivamente, pelo bem ou mal que ella apporta á um ou mais individuos ou á toda a sociedade — mas vem considerada virtuosa ou malvada segundo a utilidade ou o damno de que se resente o individuo ou a classe, que sujectivamente o julga.

De modo que, por esta moral caotica, a mesma acção pode ser julgada por uns, heroismo, por outros, loucura, d'aquelles, gloria, d'estes, infamia.

Um massacro de povo, uma carneficina de velhos, de mulheres, de crianças inermes, trucidados friamente em nome de um principio abstracto e o mais das vezes mentiroso; a ordem publica, pode procurar galões e honorificencias áquelle que mandou aos fuziladores e pranchadores.

A historia é cheia dos nomes d'estes chefes brigantes illustres, dispostos a passar com grande desenvoltura — como os capitães do medio évo — de uma para outra